A dupla licenciatura no curso de Letras: um desafio na formação do docente de línguas.

Elisandra Rios da Silva Pamponet[1] (PG)* s_pamponet@hotmail.com, Dr. Hélvio Frank de Oliveira[1] (PQ).

[1]Universidade Estadual de Goiás.

Resumo: Esta comunicação tem o objetivo promover uma reflexão crítica e política sobre a dupla licenciatura de Letras na formação do docente de línguas, promovendo uma problematização de aspectos inerentes a esse modelo de formação. Ela pretende discutir quais são as implicações deste processo na formação do professor de línguas com vistas ao currículo e à cultura de aprendizagem/ensino das línguas portuguesa e inglesa, e suas repercussões nas identidades dos futuros professores. Para tal propósito, esta pesquisa em andamento apresenta um estudo teórico amparado em alguns estudiosos e documentos legais que fundamentam o curso, e futuramente terá uma investigação em campo para ouvir a voz dos formandos que participam desse processo durante o ano de 2017 nos *campi* da UEG. Sem apologizar o ensino de uma língua em detrimento de outra ou eliminar uma habilitação, esta pesquisa é motivada pela necessidade de se (re)pensar o processo de formação de professores de línguas, a fim de que políticas públicas voltadas para esse tipo de curso possam instaurar novas possibilidades de se alcançar futuros professores que ficam durante quatro anos na universidade sem nenhum interesse por uma ou outra língua e, paradoxalmente, se tornam aptos para lecionar as suas línguas.

Palavras-chave: Dupla licenciatura. Letras. Reflexão crítica. Políticas Públicas. Formação de professores.

Introdução

Diante do mundo capitalista em que vivemos e com um mercado de trabalho cada dia mais competitivo, manter-se abastecido da maior quantidade de cursos sugere o modo de vida exemplar de concorrência ao processo de seleção pessoal e profissional na atualidade. Seguindo este pressuposto, no que diz respeito às licenciaturas, o curso de Letras pode ser considerado como uma boa opção, visto que em algumas instituições de ensino superior são oferecidas duas habilitações com a mesma duração de outros cursos de graduação que habilitam em apenas uma área, tendo assim a oportunidade de fazer dois cursos em um.

No entanto, deve-se refletir que a universidade tem um papel que ultrapassa os fins capitalistas e se torna responsável também pelo desenvolvimento humano,

visando produzir novos conhecimentos que possam ser aplicados na realidade social. Neste contexto, com base em nossas experiências como formadores de professores de línguas, um aspecto que muito tem nos inquietado diz respeito à dupla habilitação estabelecida nos cursos de Letras em algumas instituições de ensino superior, pois podemos perceber que há lacunas no processo de formação docente destes acadêmicos que ingressam no curso de Letras.

O exercício da profissão docente está carregado de responsabilidades para que o professor possa atuar satisfatoriamente atendendo a demanda do mundo globalizado em que vivemos, e diante desta realidade, a formação inicial tem grande importância nesse processo de construção do perfil desejado para um professor competente. Quando falamos sobre a formação do professor línguas, vemos que os cursos de Letras de dupla habilitação têm sua responsabilidade duplicada nesse processo, pois ele precisa habilitar o acadêmico para ser professor das línguas portuguesa e inglesa, juntamente com suas respectivas literaturas.

Diante do exposto e visto que a dupla licenciatura no curso de Letras é uma realidade presente na UEG, esta pesquisa em andamento e que por enquanto está na fase de investigação teórica e documental, culminará em uma dissertação para o PPG-IELT/UEG que pretende investigar a dupla habilitação obrigatória nesta graduação, discutindo as implicações dessa questão para a formação da identidade de professores de línguas, a fim de promover uma reflexão crítica sobre esse processo a partir da análise das políticas públicas e da voz dos próprios acadêmicos do curso.

Resultados e Discussão

O curso de Licenciatura em Letras precisa atender uma série de documentos legais e dentre eles há um que aponta diretrizes para a elaboração dos projetos pedagógicos dos cursos pelas universidades, o perfil dos formandos, competências e habilidades a serem desenvolvidas durante o curso, informações sobre os conteúdos curriculares caracterizadores básicos e os de formação profissional, estrutura do curso e as formas de avaliação. Este documento é denominado Diretrizes Curriculares para os Cursos de Letras, doravante DCNL, e segundo ele:

> O objetivo do Curso de Letras é formar profissionais interculturalmente competentes, capazes de lidar, de forma crítica, com as linguagens, especialmente a verbal, nos contextos oral e escrito, e conscientes de sua inserção na sociedade e das relações com o outro. Independentemente da modalidade escolhida, o profissional em Letras deve ter domínio do uso da língua ou das línguas que sejam objeto de seus estudos, em termos de sua estrutura, funcionamento e manifestações culturais, além de ter consciência das variedades linguísticas e culturais. (DCNL, 2001, p. 30)

Como os conteúdos caracterizadores básicos do curso, apontados por esta mesma diretriz, estão relacionados à área de estudos linguísticos e literários com vistas a contemplar o desenvolvimento de competências e habilidades específicas, vale ressaltar que no caso da dupla habilitação, é preciso que tais estudos sejam aprofundados nas duas línguas distintas com suas respectivas literaturas. Além destes, também é preciso que sejam trabalhados os conteúdos caracterizadores de formação profissional, e neste caso, as competências e habilidades devem estar relacionadas ao exercício da profissão, incluindo “os estudos linguísticos e literários, práticas profissionalizantes, estudos complementares, estágios, seminários, congressos, projetos de pesquisa, de extensão e de docência, cursos sequenciais” (DCNL, 2001, p. 31), conforme forem definidos pelos colegiados das Instituições de Ensino Superior.

Ao se trabalhar os referidos conteúdos no intuito de desenvolver tais habilidades e competências, é importante que os professores formadores não dissociem a teoria da prática e ultrapassem a dimensão da racionalidade técnica que devido à “valorização de técnicas de ensino e pela restrita participação dos alunos na construção do conhecimento, formam um verdadeiro círculo vicioso, que impede, ou no mínimo dificulta, uma qualificação de professores de línguas” (MOURA FILHO, 2011, p. 49). “A formação de professores para a contemporaneidade necessita exceder fundamentos da racionalidade técnica e a doutrina exclusiva do método.” (OLIVEIRA, 2014, p. 33)

Segundo Paiva (2005), embora as legislações existentes e os instrumentos de avaliação apontarem caminhos interessantes para um novo perfil do curso de Letras, o fato das licenciaturas duplas continuarem presentes, faz com que a parte mais afetada seja a formação de professor de língua estrangeira, uma vez que segundo Leffa (2006), a formação de um professor de língua estrangeira, precisa envolver além do domínio da língua que ensina, domínio da ação pedagógica

necessária, para que quando ele for ensinar a aprendizagem possa ocorrer na sala de aula.

Conforme aponta Giroux (1997), uma das maiores ameaças aos professores que já estão no exercício da docência nas escolas e para os que ainda estão em formação é o desenvolvimento crescente de ideologias instrumentais que enfatizam uma abordagem tecnocrática. Muitas vezes, os próprios acadêmicos estão muito mais preocupados em aprender o "como fazer", "o que funciona", a "melhor maneira" de ensinar tal conteúdo, em vez de aprender a "levantar questões acerca dos princípios que subjazem os diferentes métodos didáticos, técnicas de pesquisa e teorias da educação" (p. 159).

Neste sentido, vale ressaltar o que Kenski (2015, p. 426) afirma quando diz que "as vivências proporcionadas pelos bons cursos aos futuros professores irão repercurtir em suas formações e desempenhos nos momentos posteriores com os seus alunos". Sendo assim, aqueles acadêmicos que forem bem formados, terão maiores condições de se tornarem profissionais melhores, garantindo uma aprendizagem significativa aos seus alunos quando vir atuar em sala de aula.

Oliveira (2014) destaca a relevância dos formadores de professores de línguas transcenderem o ensino de componentes meramente gramaticais e vocabulares do idioma, buscando proporcionar avanços no sentido de contribuir para uma visão de formação emancipatória e política de cada um que esteja envolvido nessas relações sociais, sendo fundamental formar profissionais docentes críticos e éticos.

> De tal forma a transgredir o ensino pautado por rigores metodológicos, a perspectiva de formação além da língua, grosso modo, visa a conduzir professores e alunos a uma reflexão sobre suas práticas direcionadas a uma linha crítica e, a partir disso, reconstruir ou desconstruir todo o tipo de conhecimento fixo, pronto ou definido em termos de condições sociais e/ou processos de ensino aprendizagem perpassados histórico e culturalmente como corretos. (OLIVEIRA, 2014, p. 32)

Diante destas propostas e argumentos, podemos perceber que a licenciatura em Letras com habilitação dupla – português/inglês – tem uma imensa responsabilidade em formar docentes que tenham domínio de tais idiomas e que concomitantemente atuem de forma crítica em sua profissão. O espaço de tempo de formar este docente apto para lecionar duas línguas é muito curto, quatro anos, o

mesmo tempo das demais licenciaturas de habilitação única, como por exemplo a Geografia, História, Matemática, dentre outras.

Também há consenso em autores como Almeida Filho (1992), Silva (2000), Martins (2005) e Gimenez (2005), que os cursos de formação inicial no Brasil não estão conseguindo formar professores de língua inglesa com os conhecimentos necessários à sua atuação profissional, principalmente no que concerne à proficiência no idioma, indicando assim que há fragilidades na formação inicial deste professor.

Diante deste contexto de dupla licenciatura, no qual, embora haja fragilidades na língua inglesa, estas também podem ser encontradas na língua portuguesa, considerando que os programas curriculares são muito extensos e que durante a formação docente é necessário que sejam desenvolvidas competências e habilidades nos graduandos em Letras que estejam relacionadas aos conteúdos linguísticos, literários e pedagógicos de cada língua, conforme aponta as DCNL (2001) em um espaço de quatro anos.

Além do tempo reduzido para habilitar satisfatoriamente um professor em dois idiomas, não podemos deixar de considerar os casos nos quais alguns alunos não se identificam com uma das línguas, mas por não haver opção de escolha, é obrigado a cursar as duas para obter o diploma da língua almejada. Na maioria das vezes, a falta de identificação ocorre na língua inglesa e infelizmente muitos ainda concluem o curso sem o domínio do referido idioma e acabam atuando como professores de língua inglesa na educação básica por terem sido habilitados para a área, reproduzindo um ensino restrito em estruturas gramaticais por ser mais simples e não ter o foco na comunicação. Para Quadros-Zamboni (2015, p. 72), “apesar de que o aprendizado de um idioma não ocorre somente nos cursos de Letras, formar professores de língua inglesa que conheçam efetivamente o idioma é, há tempos, o Santo Graal que instituições, pesquisadores e formadores vem perseguindo”.

Neste contexto de dupla habilitação neste curso de licenciatura, Paiva (2004, 2005) assevera que a parte mais afetada é a formação do professor de língua estrangeira, visto que nas matrizes curriculares privilegiam-se conteúdos relacionados a língua portuguesa. Para a autora, seria interessante pelo menos fixar um percentual de horas mínimas para o trabalho com a língua estrangeira e que não

deveria ser inferior a metade da carga horária total do curso. A autora até sugere que parte do conteúdo fosse trabalhado utilizando a Internet, promovendo interação com falantes ou aprendizes da língua estrangeira.

Quadros-Zamboni (2015, p. 20), fundamentada em uma pesquisa realizada em uma universidade pública paranaense, corrobora com Paiva afirmando que:

> A supremacia das disciplinas de língua portuguesa e afins na formação do professor de inglês promove a ocupação de espaços que deveriam estar sendo preenchidos pela formação específica em língua inglesa, em termos teóricos e pedagógicos e essa lacuna formativa é, ao meu ver, extremamente prejudicial à formação do aluno-professor de língua inglesa. Justificá-la por meio do discurso de que compete ao professor o preenchimento dessa lacuna apenas através da formação contínua é fechar os olhos para uma realidade que há anos se arrasta e não se resolve. E isso exige, sem sombra de dúvida, a necessidade de um maior aprofundamento na discussão a respeito das questões voltadas à formação desse professor. (QUADROS-ZAMBONI, 2015, p. 120)

Esta é uma realidade que a maioria dos cursos de Letras enfrentam, e como foi abordado pela autora, é preciso repensar e discutir as questões relativas a formação destes professores que são habilitados em duas línguas, visto que não é correto deixar para a formação contínua a função de preencher uma lacuna deixada pela formação inicial. Paiva (2004) ressalta que o mínimo para professor formado em Letras, é que ele tenha domínio dos conteúdos básicos que irão ensinar na educação básica e de métodos e técnicas pedagógicas que permitam conduzir o processo ensino-aprendizagem, além dele se tornar autônomo para resolver problemas e tomar decisões, trabalhar em equipe e comunicar-se dentro da multidisciplinaridade dos vários saberes que fazem parte da formação universitária em Letras.

Considerações Finais

Diante da complexidade que é formar um docente apto em duas línguas distintas, até o presente momento, este estudo traz alguns apontamentos teóricos sobre os desafios da dupla habilitação no curso de Letras para a formação destes professores e que servirão de subsídio para o desenvolvimento desta pesquisa ao longo do PPGIELT/ UEG (2016-2018). Pode-se observar que diante das diretrizes legais e necessidades linguísticas e pedagógicas, são muitos os desafios que a

dupla licenciatura enfrenta para promover uma formação significativa para o professor de línguas.

Alguns pontos precisam ser refletidos durante o desenvolvimento desta pesquisa nos próximos meses como: as implicações, sejam elas positivas e/ou negativas, que a dupla habilitação obrigatória no curso de Letras traz para a formação dos professores de línguas; qual postura adotar em relação aos alunos que não se identificam com o estudo da língua x e, ao mesmo tempo, nela têm de ser obrigatoriamente aprovados para receber o diploma almejado na língua y; como têm sido desenvolvidas as políticas de formação de professores no que diz respeito à questão da dupla habilitação nos cursos de Letras; e como as identidades docentes tem sido construídas nesse processo de dupla licenciatura no qual o acadêmico obrigatoriamente está exposto; dentre outros que surgirão conforme o andamento da pesquisa.

Agradecimentos

Agradeço a cada um que participa de minha trajetória acadêmica oferecendo o seu apoio e principalmente ao meu orientador Hélvio Frank de Oliveira, que tanto tem contribuído em minha formação docente com o seu exemplo e orientações teóricas sobre a formação de professores de línguas.

Referências

BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). Secretaria de Educação Superior. *Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia.* Brasília, DF, PARECER CNE/CES 492/2001. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2016.

MOURA FILHO, A. C. L. Basta de clamarmos inocência: a formação reflexiva do professor contemporâneo de línguas. In: SILVA, K. A. et al. *A formação de professores de línguas:* novos olhares. Vol. 1. São Paulo: Pontes, 2011. p. 49-72.

GIROUX, H. A. Os professores como intelectuais transformadores. In: GIROUX, H. A. *Os professores como intelectuais:* rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 1997. p.157-164.

OLIVEIRA, H. F. Formação crítica de professores de línguas: uma proposta emancipatória e política. *Revista Escrita*, n. 19, p. 31-47, 2014.

KENSKI, V. M. A urgência de propostas inovadoras para a formação de professores para todos os níveis de ensino. *Revista Diálogo Educacional*, v.15, n. 45, p. 423-441, 2015.

QUADROS-ZAMBONI, Alessandra da Silva. *Apendicite formativa nos cursos de letras:* reflexões sobre a formação do professor de inglês. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. vol. 14.

PAIVA, V.L.M.O. O Novo Perfil dos Cursos de Licenciatura em Letras. In: TOMICH, et (Orgs.). *A interculturalidade no ensino de inglês.* Florianópolis: UFSC, 2005. p.345-363 (Advanced Research English Series)

PAIVA, V.L.M.O. Avaliação dos cursos de Letras e a formação do professor. *Revista do GELNE*. João Pessoa. Vol. 5, n. 1 e 2. p. 193-200, 2004.

LEFFA, V. J. *Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras.* In: LEFFA, Vilson J. (Org.) O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão. Pelotas, 2006, v. 1, p. 333-355.

ALMEIDA FILHO, J. C. P**.** *O professor de língua estrangeira sabe a língua que ensina?* A questão da instrumentalização linguística. In: Revista Contrexturas, vol. 01, n. 01 (p. 77-85), São Paulo: APLIESP, 1992.

GIMENEZ, T. *Proficiência linguística de futuros professores de inglês.* In: CRISTÓVÃO. V. L.; GIMENEZ T. ENFOPLI: construindo uma comunidade de formadores de professores de inglês. Londrina: Artgraf, 2005.

MARTINS, Tereza Helena Buscato. *Subsídios para a elaboração de um exame de proficiência para professores de inglês.* 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 2005.

SILVA, Vera Lúcia Teixeira da. *Fluência oral:* imaginário, construto e realidade num curso de Letras/LE. 2000. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 2000.